

O DISCURSO DA ESTILÍSTICA NA HISTÓRIA DA PRODUÇÃO GRAMATICAL E NA CONSTITUIÇÃO DA LÍNGUA NACIONAL¹

Élcio Aloisio FRAGOSO

Resumo: Neste trabalho, procuramos, principalmente, tratar o discurso da estilística (sobre o estilo) em gramáticas brasileiras do final do século XIX enquanto um equívoco que se pode observar dada a inscrição da língua na história (o choque entre estrutura e acontecimento), relativo ao confronto entre a língua portuguesa e a língua nacional. Nesse sentido, o discurso da estilística rompia com a ordem de um discurso que vinha pela gramática, ligado à língua portuguesa tradicional. Portanto, compreendemos o discurso da estilística enquanto um lugar em que temos a formulação da língua nacional através das figuras de sintaxe. Estas figuras constituíram-se em uma referência para esta língua. O discurso da estilística representava (materializava) o lugar da construção da singularidade histórica da nossa língua. Desse modo, estávamos nos deslocando do lugar tradicional destinado ao discurso da estilística: enquanto o modo peculiar de falar e escrever que tem cada indivíduo. Esta pesquisa, então, buscou compreender o discurso da estilística no processo de constituição da língua nacional. Em relação à nossa língua, nossa análise visou contribuir com um estudo concernente à sua singularidade/individualidade, marca do político na língua que no nosso caso indicava a Individualização do Estado brasileiro. Analisamos, também, três obras de autores diferentes relativas à estilística da língua portuguesa no Brasil, no século XX: *Estilística da Língua Portuguesa* (1945), de M. Rodrigues Lapa, *Estética da Língua Portuguêsa* (1964, 2ª ed.), de Joaquim Ribeiro e *Contribuição à Estilística Portuguêsa* (1953, 2ª ed.), de J. Mattoso Câmara Jr. Consideramos estas obras enquanto uma produção de conhecimento sobre estilística, no âmbito da história dos estudos lingüísticos do Brasil. Dessa forma, elas indicam, respectivamente, que os estudos estilísticos realizados no Brasil, no século XX tinham como filiações a gramática tradicional (como é o caso da obra de Rodrigues Lapa), a gramática histórica (como está em Joaquim Ribeiro) e que apenas a obra de Mattoso Camara apresentava um estudo na direção dada pela Lingüística (enquanto ciência), em território nacional.

Abstract: *In this work, we sought, mainly, to deal the discourse of the stylistic (about the style) in brazilian grammars of the end of the 19th century while an equivoque that can be observed given the inscription of the language in the history*

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 21 de março de 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi.

(the shock between structure and event), relative to the confrontation between the portuguese language and the national language. In that sense, the discourse of the stylistic broke up whit the order of a discourse that came for the grammar, linked to the traditional portuguese language. Therefore, we understood the discourse of the stylistic while a place where we have the formulation of the national language through the syntax figures. These figures constituted in a reference for this language. The discourse of the stylistic represented (it materialized) the place of the construction of the historical singularity of our language. This way, we were dislocating of the traditional place destined to the discourse of stylistic: while the peculiar way of to speak and to write that has each individual. This research, then, searched to understand the discourse of the stylistic in the process of constitution of the national language. In relation to our language, our analysis sought to contribute with a study concerning its singularity/individuality, mark of the politician in the language that indicated the Individualization of the Brazilian State in our case. We analyzed, also, three works of different authors relatives to the stylistic of the portuguese language in Brazil, in 20th century: Stylistic of the Portuguese Language (1945), of M. Rodrigues Lapa, Aesthetics of Portuguese Language (1964, 2nd ed.), of Joaquim Ribeiro and Contribution to the Portuguese Stylistic (1953, 2nd ed.), of J. Mattoso Camara Jr. We considered these works while a production of Knowledge on stylistic, in the ambit of the history of the linguistic studies of Brazil. In that way, they indicate, respectively, that the stylistic studies accomplished in Brazil, in the 20th century had as filiations the traditional grammar (as it is the case of the Rodrigues Lapa's work), the historical grammar (as it is in Joaquim Ribeiro) and that only Mattoso Camara's work presented a study in the direction given by the Linguistics (while science), in national territory.

Este texto tem como objetivo apresentar um resumo das análises que realizamos acerca do objeto de estudo de nossa tese: o discurso da estilística (sobre o estilo).

O quadro teórico a que nos filiamos para realizar esta pesquisa alia, de um lado, o campo metodológico da Análise de Discurso e, de outro, os estudos em História das Idéias Lingüísticas.

Embora as gramáticas brasileiras do final do século XIX tenham se constituído sob novas filiações é o modelo normativo que vemos ser praticado pela maioria delas. Entretanto, podemos ver nessa tomada de um novo posicionamento teórico pelos gramáticos que são fincadas as bases de uma filiação científica para os estudos sobre linguagem no Brasil.

Vale assinalar que quando falamos do discurso da estilística (sobre o estilo) nas gramáticas brasileiras do final do século XIX

são as figuras de sintaxe que, fundamentalmente, caracterizam este discurso, por isso elas terem grande relevância em nossas análises.

As gramáticas que serviram de referência para o nosso trabalho, na análise de nosso objeto de estudo, foram principalmente as seguintes: *Grammatica Portugueza* (1881, 13ª ed. 1919), de Julio Ribeiro, *Grammatica Portugueza* (1887, 3ª ed. 1889), de João Ribeiro e *Grammatica Descriptiva* (1887, 7ª ed. 1918)², de Maximino Maciel.

Aprofundamo-nos, teoricamente falando, nessas gramáticas a fim de querermos compreender suas filiações.

Vimos que a gramática de Julio Ribeiro, apesar de ter dado o passo inicial para uma filiação científica dos estudos da linguagem no Brasil, na verdade, colocava-se como uma gramática normativa.

Em uma outra filiação, mas fazendo parte do mesmo processo que o prof. Eduardo Guimarães (1996) chamou de Gramatização do Português Brasileiro, inscrevia-se a gramática de João Ribeiro. Sua gramática colocava-se numa filiação histórica dos estudos da linguagem.

Assim, o discurso da estilística em suas gramáticas foi analisado, levando-se em conta esses elementos históricos importantes para pensarmos a constituição de uma língua nacional, mais especificamente falando, a singularidade histórica desta língua. A esta singularidade da língua estava ligada a construção de uma individualidade do sujeito nacional e do Estado brasileiro. Foi nesta questão que nos ocupamos no primeiro capítulo da tese. Uma questão central em nosso trabalho, em nossos estudos.

Uma outra questão foi a de observar a constituição de uma estilística da língua nacional neste processo de Gramatização (descrição) desta língua. Este foi o assunto desenvolvido no segundo capítulo de nossa tese.

No terceiro capítulo de nossa tese, tentamos mostrar que o fenômeno de linguagem explicitado pelo estilo em nossas gramáticas do final do século XIX era interpretado pelo viés literário, artístico e não como estando relacionado à singularidade própria da nossa língua.

² Lembramos que esta gramática foi publicada inicialmente (1887) com o nome de *Grammatica Analytica* e que, transformada, foi reeditada em 1894, e daí em diante com o nome de *descriptiva*.

Nessa seqüência, conforme apontamos em nossa tese, o discurso da estilística nas gramáticas brasileiras do final do século XIX mobilizava as figuras de sintaxe para o seu domínio. No quarto capítulo, trouxemos para a análise as figuras de sintaxe em que procuramos mostrar que elas construam uma referência para a língua nacional. Ou seja, consideramos as figuras de sintaxe enquanto a materialidade lingüístico-histórica da língua nacional. Buscamos também descrever como as figuras de sintaxe aparecem formuladas nas gramáticas de Júlio e João Ribeiro assinalando os efeitos de suas filiações em suas formulações enunciativas. Portanto, o modo como elas aparecem enunciadas nessas gramáticas tem suas regularidades. A própria definição dessas figuras se dava de modo diverso nessas gramáticas. Enquanto, em João Ribeiro (1889) temos enunciados propriamente definidores: *Ellipse é a que indica a supressão de um ou mais vocábulo na phrase* (p. 290); em Julio Ribeiro (1919) temos enunciados que se colocam como justificativa, explicação, argumento de seu posicionamento normativo: *Consiste, a ellipse na supressão de uma ou mais palavras fáceis de subentenderem-se* (p. 326).

Em seguida, analisamos três obras sobre a estilística da língua portuguesa, no Brasil do século XX, ressaltando que elas produzem um certo conhecimento sobre esta língua, conhecimento este que se fazia de acordo com certas filiações e em certas condições de produção.

Portanto, procuramos relacionar estes estudos realizados acerca da estilística no Brasil no século XX ao movimento de constituição de nossas idéias lingüísticas.

Inicialmente, queremos dizer que os estudos estilísticos apareciam nas gramáticas brasileiras do final do século XIX enquanto uma língua individual em contraste com a língua propriamente dita que é apresentada como geral, coletiva.

Mattoso Câmara coloca que:

A possibilidade de uma língua individual, como traço de personalidade, está imanente no conceito de estilo, que vem sendo focalizado, no âmbito literário especialmente, desde a Antigüidade Clássica (MATTOSO CAMARA, 1953: 18).

Diríamos também que a divisão entre o estilístico e o gramatical entra como sendo algo inerente à gramática. Esta não toma para si o estilístico como seu objeto de estudo. Pouco ou quase nada se fala do estilo, além de afirmá-lo enquanto o modo individual de falar e escrever que tem cada homem.

Nossas análises pretenderam mostrar que o discurso da estilística tornava visível a resistência da nossa língua em relação à língua portuguesa. Ele legitimava o caráter próprio da nossa língua, apontando para suas individualidades (historicamente constituídas), às suas diferenças, dadas as condições específicas do acontecimento da língua em nosso território. Desse modo, o discurso da estilística não simplesmente alterava o significado das palavras e/ou frases visando dar maior ênfase ao pensamento. Tratava-se dos deslocamentos de sentidos que este discurso realizava em relação à língua portuguesa. Portanto, a nossa compreensão acerca deste discurso, ajudou-nos a compreender e a elaborar a forma histórica de constituição da singularidade da língua nacional.

Para nós, este discurso não se reduz à apresentação de certos modos irregulares de expressão do pensamento, aceitos pelo uso. É este o equívoco que descrevemos nessas gramáticas enquanto um fenômeno de resistência da nossa língua. Nesse sentido, o discurso da estilística constituiu-se em um lugar privilegiado para observarmos as singularidades históricas da nossa língua, dadas as suas condições específicas de produção no Brasil. Portanto, as alterações que as figuras de sintaxe realizavam na língua portuguesa tinham outro sentido e não simplesmente o sentido de irregularidade, elas instauravam novas significações, singularizando a língua portuguesa no Brasil. Desse modo, as figuras de sintaxe materializavam a historicidade da língua nacional.

Quando relacionado às suas condições de produção, o discurso da estilística realça a singularidade da língua nacional, não sendo, portanto, um discurso relacionado ao modo próprio de falar e escrever de cada indivíduo. E por esta via, as figuras de sintaxe realçam os sentidos próprios da nossa língua e não simplesmente o pensamento daquele que fala ou escreve. Dessa forma, o discurso da estilística explicitava um conflito entre a língua portuguesa e

a língua nacional. Ele evidenciava a questão histórica da constituição da nossa língua. O discurso da estilística chamava a atenção para o fato de que algo acontecia na língua portuguesa.

Entendemos, em nossas análises, o discurso da estilística (sobre o estilo) nas gramáticas brasileiras do final do século XIX enquanto uma prática discursiva, pois ele colocava em funcionamento uma “língua expressiva”, a língua nacional. Era esse o sentido que o discurso da estilística produzia para a nossa língua.

De nossa perspectiva, sabemos que a linguagem tem um funcionamento político. Desse modo, vimos que o funcionamento do discurso da estilística é político, pois ele imprimia certos sentidos para a língua nacional e não outros. Não se trata de ficarmos na evidência de um discurso subjetivo, psicológico, centrado no individual. Por outro lado, interessou-nos relacionar este discurso ao processo de constituição da língua nacional e de construção do sujeito desta língua, observando os efeitos de sentido que este discurso produzia para esta língua. Dessa forma, o discurso da estilística é parte da construção da nossa sociedade.

O discurso da estilística evidenciava que a gramática não é um discurso homogêneo, pois encontramos nela pontos divergentes que estão postos sob uma visível harmonia. Procuramos trabalhar a espessura histórica do discurso da estilística e vimos que somente quando trazemos para o centro de nossas análises a sua regularidade discursiva, que são as suas condições de produção, que podemos observar as relações de força que estão em jogo na produção de um certo discurso. Há uma disputa de sentidos nessas gramáticas do final do século XIX que pode ser observada na tensão entre a gramática, de um lado, e o estilo, de outro.

O discurso da estilística marcava uma ruptura com a língua portuguesa. Ele materializava a nossa Independência política e lingüística.

Procuramos, com nossas análises, compreender os sentidos que foram textualizados pelo discurso da estilística para a língua nacional. Este discurso realçava as singularidades da nossa língua, em relação ao português de Portugal. Temos, então, com o discurso da estilística um deslocamento que é próprio da língua nacional, referente às suas singularidades históricas.

Mostramos também que a língua portuguesa passava por um processo de metaforização em território nacional, processo este que se pode observar através do discurso da estilística. Este discurso deslocava sentidos para a língua nacional. O discurso da estilística explicitava o confronto entre um sentido estabilizado (legitimado) e um sentido possível (novo). Desse modo, não o entendemos em nossa pesquisa enquanto um “desvio”, “irregularidade”, mas sim com um deslize de sentido para a língua nacional.

A questão do estilo tem sido o lugar em que venho desenvolvendo minhas pesquisas em relação ao estudo da linguagem, em geral, e em relação à história da constituição da língua nacional, em particular.

Desse modo, nossa pesquisa que se concentrava no final do século XIX, em que a questão da língua nacional se colocava fortemente, estendeu-se para o século XX a fim de observar como a estilística se constituía em uma disciplina autônoma da língua portuguesa. Nessa direção, trouxemos para a análise três obras representativas para a história da constituição dessa disciplina no Brasil: *Estilística da Língua Portuguesa* (1945), de M. Rodrigues Lapa, *Estética da Língua Portuguesa* (1964, 2ª ed.), de Joaquim Ribeiro e *Contribuição à Estilística Portuguesa* (1953, 2ª ed.), de Joaquim Mattoso Câmara Jr.

Vimos que até a obra de Mattoso Câmara, o estudo do estilo no Brasil sempre esteve relacionado ao artístico, ao literário, de forma dominante.

Procuramos em nossa tese discutir o percurso histórico da estilística no Brasil, observando sob quais perspectivas estes estudos eram realizados. Portanto, as obras que analisamos em nosso trabalho eram manifestações teóricas que têm o seu lugar na história dos estudos sobre a língua no Brasil.

Nosso trabalho entra nessa história das idéias, relacionada ao estilo, de maneira a pensá-lo criticamente e de redefini-lo dentro de uma outra concepção de linguagem em que esta não é vista como expressão de pensamento. De nossa parte, buscamos pensar a relação entre a exterioridade e o lingüístico como uma relação histórica e constitutiva do processo lingüístico. Dessa forma, visamos

contribuir para o estudo e o ensino da estilística no Brasil, na medida em que procuramos compreender os sentidos deste discurso relativamente à constituição da nossa língua. Portanto, este trabalho buscou dar uma visão discursiva para o estilo, ao mesmo tempo em que pretendeu mostrar o percurso da constituição da disciplina da estilística (sua independentização da gramática), no Brasil.

Por fim, entendemos que a estilística se separa da gramática, ganhando contornos de uma disciplina lingüística autônoma, mas que somente Mattoso Câmara vai tratar a estilística à luz da ciência lingüística, até então o estilo era considerado o modo individual de cada indivíduo falar ou escrever.

Buscamos em nossas análises descrever as regularidades do discurso da estilística nas gramáticas brasileiras do final do século XIX. Foram as condições de produção específicas deste discurso, em que contava a construção de uma unidade imaginária para a língua nacional, que buscamos descrever nesse trabalho. Com isso, fizemos uma análise deste discurso levando em conta uma exterioridade própria à sua produção.

Nesse sentido, ele instaurava uma ordem própria à língua nacional. Esta língua apresentava novos contornos, novos nuances, novas formas, enfim era uma outra língua que se configurava nesse outro espaço enunciativo: o brasileiro. Esta outra língua reclamava por sentidos. Entretanto, as gramáticas desta época interpretavam o discurso da estilística pelo viés artístico, relacionado ao que é individual.

O discurso da estilística era mais que uma característica individual ou uma forma de ressaltar o nosso pensamento. Este discurso instalava a diferença como o ponto central entre a língua portuguesa e a língua nacional. Ele instalou problemas para a língua portuguesa tradicional na medida em que as condições de produção desse discurso (o da estilística) são outras aqui no Brasil. Este discurso criava as próprias regras da nossa língua, isto é, ele enfatizava as mudanças da língua nacional. A significação desta língua marcava-se exatamente nessas mudanças. Portanto, a nossa língua tinha uma outra ordem.

Resumindo, entendemos a individualidade inerente, conforme está no discurso da estilística tradicional, como a diferença própria da nossa língua.

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1985.
- AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- AUROUX, S. A Hiperlíngua e a Externalidade da Referência. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Gestos de Leitura: Da História no Discurso**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1994.
- BALLY, C. **Le langage et la vie**. 3ª ed. Geneve: Librairie Droz, 1945.
- CAMARA JR., J. M. **Contribuição à Estilística da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Edições da “Organizações Simões”, 1953.
- CAMARA JR., J. M. **Ensaio Machadiano: Língua e Estilo**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Acadêmica, 1962.
- CAMARA JR., J. M. **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, Serviço de publicações, 1972.
- FERREIRA, Maria C. L. **Da Ambigüidade ao Equívoco: A Resistência da Língua nos Limites da Sintaxe e do Discurso**. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1997.
- FRAGOSO, É. A. **A Relação entre Língua (Escrita) e Literatura (Escritura) na Perspectiva da História da Língua no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2001.
- GUIMARÃES, E. Sinopses dos Estudos do Português no Brasil. In: **Relatos** (1): 3-20. Publicação do projeto “História das Idéias Lingüísticas: Construção de um Saber Metalingüístico e a Constituição da Língua Nacional”. DL – IEL – UNICAMP, DL – FFLCH – USP, 1994.

- GUIMARÃES, E. Apresentação: Maximino e um Pouco de História. In: **Relatos** (3): 3-4. Publicação do projeto “História das Idéias Lingüísticas: Construção de um Saber Metalingüístico e a Constituição da Língua Nacional”. DL – IEL – UNICAMP, DL – FFLCH – USP, 1996a.
- GUIMARÃES, E. & ORLANDI, E. P. (orgs.) **Língua e Cidadania: O Português no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1996b.
- GUIMARÃES, E. História da Gramática no Brasil e Ensino. In: **Relatos** (5): 7-13. Publicação do projeto: “História das Idéias Lingüísticas: Construção de um Saber Metalingüístico e a Constituição da Língua Nacional”. DL – IEL – UNICAMP, DL – FFLCH – USP, 1997.
- GUIMARÃES, E. Os Estudos da Significação no Brasil: Uma História entre o Natural e o Histórico no século XIX. In: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos** (4/5): 7-18. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- GUIMARÃES, E. Política de Línguas na América Latina. In: **Relatos** (7). Publicação do Projeto “História das Idéias Lingüísticas: Ética e Política das Línguas”. DL – IEL – UNICAMP, DL – FFLCH – USP, 2001.
- GUIMARÃES, E. **História da Semântica: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- HAROCHE, C. **Fazer Dizer, Querere Dizer**. Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 1992.
- LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. Lisboa: Seara Nova, 1945.
- LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. 8ª ed., Coimbra Editora Ltda, 1975.
- LECOURT, D. **Para uma Crítica da Epistemologia**. 2ª ed., Lisboa: Assírio e Alvin, 1980.
- MACIEL, Maximino. **Grammatica Descriptiva**. 7ª ed., Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves & Cia, 1918.
- MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso: (Re) ler Michel Pêcheux Hoje**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- MILNER, Jean-Claude. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987.
- ORLANDI, E. P. Vão Surgindo Sentidos. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

- ORLANDI, E. P. O Estado, a Gramática, a Autoria. In: **Relatos** (4): 5-12. Publicação do projeto “História das Idéias Lingüísticas: Construção de um Saber Metalingüístico e a Constituição da Língua Nacional”. DL – IEL – UNICAMP, DL – FFLCH – USP, 1997.
- ORLANDI, E. P. Língua Nacional e Saber Metalingüístico: Um Projeto Singular. In: **Relatos** (5): 3-5. Publicação do projeto “História das Idéias Lingüísticas: Construção de um Saber Metalingüístico e a Constituição da Língua Nacional”. DL – IEL – UNICAMP, DL – FFLCH – USP, 1997.
- ORLANDI, E. P. Ética e Políticas Lingüísticas. In: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos** (1) 7-16. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- ORLANDI, E. P. Apresentação. In: **Escritos – Escrita, Escritura, Cidade** (5): 5-6. Campinas, SP: NUDECRI/LABEURB, 1999.
- ORLANDI, E. P. O Estado, a Gramática, a Autoria: Língua e Conhecimento Lingüístico. In: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos** (4/5): 19-34. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001a.
- ORLANDI, E. P. (org.) **Cidade Atravessada: Os Sentidos Públicos no Espaço Urbano**. Campinas, SP: Pontes, 2001b.
- ORLANDI, E. P. (org.) **História das Idéias Lingüísticas: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2001c.
- ORLANDI, E. P. e GUIMARÃES, E. (orgs.) **Institucionalização dos Estudos da Linguagem: A Disciplinarização das Idéias Lingüísticas**. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- ORLANDI, E. P. **Língua e Conhecimento Lingüístico: Para uma História das Idéias Lingüísticas no Brasil**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2002.
- PÊCHEUX, M. e GADET, F. **La langue introuvable**. Paris: Librairie François Maspero, 1981.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (19): 7-24. Trad. José H. Nunes. Campinas, SP: IEL, 1990.
- PÊCHEUX, M. Ler o Arquivo Hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Gestos de Leitura: Da História no Discurso**. Trad. bras.. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio.** Trad. bras. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- RIBEIRO, João. **Grammatica Portugueza.** 3ª ed., Rio de Janeiro, RJ: Livraria Clássica de Alves & C, 1889.
- RIBEIRO, João. **Páginas de Estética.** Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1905.
- RIBEIRO, João. **A Língua Nacional.** 2ª ed., São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1933.
- RIBEIRO, Joaquim. **Estética da Língua Portuguêsa.** São Paulo, SP: J. Ozon+Editor, 1964.
- RIBEIRO, Julio. **Grammatica Portugueza.** 13ª ed., Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves & C, 1919.
- SILVA JR. Pacheco da e ANDRADE, Lameira de. **Grammatica da Língua Portugueza.** Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1887.
- SILVA JR. Pacheco da. **Noções de Semântica.** Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1903.
- ZOPPI-FONTANA, M. G. **Cidadãos Modernos: Discurso e Representação Política.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.